# A CONSTITUIÇÃO DA CRIANÇA *NA* E *PELA* NARRATIVA

# THE CONSTITUTION OF THE CHILD *IN* AND *THROUGH* THE NARRATIVE

Ana Carolina Boldori (UPF)
carolinaboldori@outlook.com
https://orcid.org/0000-0003-3280-4241

***RESUMO:*** *A temática abordada neste estudo é a constituição da criança como falante na e pela narrativa. A proposta tem como objetivo refletir, a partir da perspectiva aquisicional enunciativa, desenvolvida por Silva (2009), sobre a narrativa como um modo enunciativo da prática humana da língua, na qual a criança constitui seu lugar enunciativo e de dizer. A metodologia de análise define-se como descritiva qualitativa, a partir da observação de um recorte enunciativo da narrativa dos irmãos Theodoro, de 3 anos, e Sophia, de 6 anos. Os resultados obtidos mostram que, na e pela narrativa, a criança falante mobiliza a língua em discurso, a partir dos índices específicos e procedimentos acessórios, constituindo seu lugar enunciativo, e, assim, na relação com o outro, ela ocupa seu lugar de dizer na sociedade.*

***PALAVRAS-CHAVE:*** *aquisição da linguagem; lugar enunciativo; lugar de dizer; narrativa.*

***ABSTRACT:*** *The theme addressed in this study is the constitution of the child as a speaker in and through the narrative. The proposal aims to reflect, from the enunciative acquisition perspective, developed by Silva (2009), on narrative as an enunciative mode of the human practice of language, in which the child constitutes its enunciative and saying place. The analysis methodology is defined as qualitative descriptive, based on the observation of an enunciative excerpt from the narrative of the brothers Theodoro, 3 years old, and Sophia, 6 years old. The results obtained show that, in and through the narrative, the speaking child mobilizes the language in speech, based on specific indexes and accessory procedures, constituting his enunciative place, and, thus, in the relationship with the other, he occupies his place of saying in society.*

***KEYWORDS:*** *language acquisition; enunciative place; place of saying; narrative.*

## *1 Introdução*

O tema deste artigo compreende a constituição da criança como falante *na* e *pela* narrativa. A contextualização dessa temática deriva de estudos anteriores por nós desenvolvidos[1], os quais compreendem um olhar para a criança enquanto falante de uma língua e participante de uma sociedade. A narrativa é por nós concebida como um modo enunciativo da prática humana da língua (cf. BOLDORI, 2023). Nossa hipótese é de que a criança, via produção de narrativas, já nos primeiros anos de vida, constitui seu lugar enunciativo e passa a ocupar seu lugar de dizer na sociedade. Nosso objetivo, portanto, é refletir acerca da constituição da criança falante a partir do olhar para uma narrativa produzida por duas crianças: Theodoro, de 3 anos de idade, e Sophia, de 6 anos.

Fazemos isso à luzda perspectiva aquisicional enunciativa, segundo Silva (2009), autora quepropõe, com base nos estudos de Émile Benveniste (1976, 1989), o dispositivo teórico-metodológico *(eu-tu/ele)-ELE* para os estudos na aquisição da linguagem. Esse dispositivo envolve: a criança (*eu*), o outro de seu convívio (*tu*), a língua atualizada no discurso (*ele*) e a cultura (*ELE*). Nessa mesma perspectiva, apoiamo-nos em Silva e Diedrich (2022) a respeito da investigação dos movimentos da criança na língua-discurso em sua trajetória de aquisição da língua. Também contribuem para nosso estudo os trabalhos de Diedrich (2020, 2022) acerca da narrativa da criança; e buscamos em Knack (2018) o aporte teórico para pensarmos no conceito de língua enquanto prática humana, no escopo da perspectiva enunciativa benvenistiana. Munidos dessas referências, organizamos este artigo da seguinte forma: após esta Introdução, dedicamo-nos a discutir a concepção de narrativa à luz dos princípios enunciativos; na sequência, já apoiados no dado de análise, discorremos sobre as questões metodológicas de nossa investigação e, a partir da interrogação do dado apresentado, refletimos sobre a constituição da criança como falante de sua língua; por fim, apresentamos nossa conclusão.

## *2 A narrativa*

É sabido que os estudos de Émile Benveniste não se dedicam especificamente à

[1] Dissertação da autora intitulada *A constituição do falante na e pela narrativa: na aurora da vida e na fase do envelhecimento* (BOLDORI, 2023).

narrativa, porém, em nosso estudo de mestrado (BOLDORI, 2023), buscamos embasamento teórico na perspectiva enunciativa para derivar, dos princípios e concepções apresentadas pelo autor, um conceito de narrativa, expresso a seguir:

> Narrativa é um modo enunciativo, o qual permite ao falante assumir seu lugar enunciativo no quadro figurativo da enunciação, via relações espaço-temporais e procedimentos acessórios; e, por assumir este lugar enunciativo, o falante, na prática humana da língua, assume seu lugar de dizer na sociedade (BOLDORI, 2023, p. 33).

A definição por nós proposta exige que reflitamos, inicialmente, acerca da concepção de enunciação com a qual estamos trabalhando. Segundo a perspectiva enunciativa benvenistiana, "a enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização" (BENVENISTE, 1989, p. 82), o que coloca o falante em situação de destaque. Nessa realização da língua, sempre particular, "o locutor se apropria do aparelho formal da língua e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos, de um lado, e por meio de procedimentos acessórios, de outro" (BENVENISTE, 1989, p. 84). Em cada enunciação, o locutor mobiliza o aparelho formal da língua, a partir dos recursos oferecidos por essa em determinada situação, para então constituir o aparelho formal da enunciação. É necessário esclarecermos que, para Benveniste (1989), os índices específicos compreendem: os índices de pessoa, estabelecidos na relação *eu-tu*; os inúmeros índices de ostensão, que designam um objeto no momento em que são pronunciados — consideramos, aqui, os índices de lugar (este, aquele, etc.) — e os índices de tempo — também chamados de formas temporais —, que situam o falante no único tempo presente possível na enunciação: o presente. Já os procedimentos acessórios dizem respeito à língua como um todo e fornecem a condição necessária para as grandes funções sintáticas de interrogação, asserção e intimação.

Além desses conceitos fundamentais da perspectiva por nós assumida neste trabalho, buscamos explicitar o que entendemos por "modo enunciativo", uma vez que vemos a narrativa como um modo de enunciação. Em "Estrutura da língua e estrutura da sociedade" ([1968/1970] 1989), Benveniste afirma que "é a inclusão do falante em seu discurso, a consideração pragmática que coloca a pessoa na sociedade enquanto participante e que desdobra uma rede complexa de relações espaço-temporais que determinam os modos de enunciação" (BENVENISTE, 1989, p. 101). Certamente, a discussão empreendida pelo autor é bem mais complexa do que aqui apresentamos, no entanto, apoiamo-nos na ideia de que o duplo funcionamento subjetivo e referencial do discurso é que permite ao falante seu lugar na

sociedade, via ato de dizer. Sendo assim, entendemos que há diferentes modos de enunciar, diferentes modos de o locutor se apropriar da língua e atualizá-la num modo de enunciação; a narrativa é concebida por nós como um desses modos. Ao narrar, o falante mobiliza a língua e a atualiza em seu dizer numa complexa rede de relações espaço-temporais que evocam o acontecimento narrado na relação com o outro.

Knack (2018) estabelece um conceito que vai ao encontro de nossa proposta. Em sua discussão, a partir do texto "Estrutura da língua e estrutura da sociedade" ([1968/1970] 1989), a autora compreende a língua como prática humana, tendo em vista a "relação constitutiva do falante com seu discurso e com a sociedade, destacando-se o alcance social da enunciação" (KNACK, 2018, p. 394). A linguista enfatiza que tudo o que se sabe sobre a linguagem está indissociavelmente ligado ao que se sabe sobre o homem e, com isso, deve-se levar em conta que "[...] ele ocupa uma posição na sociedade, o que, por sua vez, desdobra uma rede de relações que irá determinar os modos de enunciação" (KNACK, 2018, p. 395). Ou seja, o falante constitui-se em uma sociedade a partir da mobilização da língua em discurso. É essa prática humana tão singular de mobilização da língua na particularidade do discurso que permite ao falante constituir-se como indivíduo na sociedade e, ao mesmo tempo, constituir a própria sociedade.

E quando esse falante é uma criança? Que especificidades podem ser observadas na constituição da criança como falante da língua? À luz dessa reflexão, os modos enunciativos — em específico, neste estudo, a narrativa — possibilitam observar os usos singulares que a criança falante faz desde os primeiros anos de vida, relacionando-se com a língua e a sociedade, pois "a língua, com efeito, é considerada aqui enquanto prática humana, ela revela o uso particular que os grupos ou classes de homens fazem da língua e as diferenciações que daí resultam no interior da língua comum" (BENVENISTE, 1989, p. 102).

Ao estabelecermos a narrativa como um modo enunciativo da prática humana da língua (cf. BOLDORI, 2023) e como uma complexa forma do discurso (cf. DIEDRICH, 2022), passamos a entender que a criança, ao se constituir como falante de uma língua, passa a fazer parte de um mundo construído nas e pelas narrativas, o que ocorre sempre na relação com o outro, na mobilização da língua em discurso. Essa constituição implica determinados movimentos da criança na língua-discurso, os quais explicitaremos na sequência deste artigo.

Ainda acerca da narrativa, encontramos em Benveniste (1976) uma afirmação significativamente importante para o que estamos propondo:

> Finalmente, a linguagem é o mais econômico dos simbolismos. Contrário de outros sistemas representativos, não exige nenhum esforço corporal, não impõe manipulação laboriosa. Imaginemos o que seria a tarefa de representar visualmente uma "criação do mundo" se fosse possível figurá-la em imagens pintadas, esculpidas ou semelhantes à custa de um trabalho insano; depois vejamos no que se torna a mesma história quando se realiza na narrativa, sucessão de ruidozinhos vocais que se dissipam apenas emitidos, apenas percebidos; mas toda a alma se exalta com eles, as gerações os repetem e cada vez que a palavra expõe o acontecimento, cada vez o mundo recomeça. Nenhum poder se igualará jamais a esse, que faz tanto com tão pouco (BENVENISTE, 1976, p. 30).

Ao observarmos as palavras do autor, derivamos algumas noções importantes para nosso estudo. A primeira delas diz respeito ao poder simbólico da linguagem, expresso na representação de mundos. Essa representação coloca em evidência o acontecimento, elemento central quando pensamos na narrativa, pois é no simbólico da linguagem que o falante representa um fato vivido ou imaginado, mas sempre *re*atualizado no presente – o qual compreende o único tempo possível na enunciação. Nessa representação, a sucessão de "ruidozinhos vocais" permite-nos a associação com o aspecto vocal da enunciação[2], o qual, para Benveniste, envolve a emissão e a percepção dos sons da língua no quadro figurativo da enunciação, *eu* em relação a *tu*, unidos pelo simbólico da linguagem. Certamente, essa citação não representa uma teorização de Benveniste acerca da narrativa, mas as ponderações que o linguista faz acerca da linguagem nos autorizam a tecer relações com o ato enunciativo de narrar.

Estando a narrativa situada na perspectiva enunciativa, na sequência deste artigo, voltamos nossa atenção para a narrativa na trajetória da criança em sua constituição como falante de sua língua materna. Fazemos isso a partir da interrogação de um dado de fala construído na relação entre duas crianças.

### 2.3 A criança e a constituição de lugares *na* e *pela* narrativa

A concepção abordada neste estudo estabelece a relação da criança na mobilização da língua em discurso *na* e *pela* narrativa. Para darmos conta das especificidades da constituição da criança como falante de uma língua via narrativas, convocamos o olhar da perspectiva aquisicional enunciativa, conforme proposta por Silva (2009).

[2] Consideramos que existem outras manifestações da linguagem, porém, neste estudo, levamos em consideração as narrativas faladas.

Segundo Silva (2009), a aquisição da língua envolve o dispositivo enunciativo aquisicional assim delineado: *(eu-tu/ele)-ELE*. Esse dispositivo comporta a criança (*eu*), o outro (*tu*), a língua (*ele*) e a cultura (*ELE*). Nessa perspectiva, ganham destaque os movimentos da criança entre o geral da língua (sistema) e as particularidades do uso (discurso). Com esse olhar direcionador, buscamos delimitar princípios de análise que guiam nossa reflexão. O primeiro princípio que propomos diz respeito à *constituição do lugar enunciativo*, observando as relações espaço-temporais e os procedimentos acessórios, concebidos, em nossa reflexão, nas particularidades das designações ou fatos de vocabulário mobilizados na enunciação. Já o segundo princípio elege a *constituição do lugar de dizer* a partir das relações inter-humanas do discurso implicadas na emissão da narrativa pela criança e na percepção desta pelo outro.

Como já afirmamos, a reflexão que apresentamos nesta seção parte de um fato de linguagem produzido por duas crianças, uma com 3 anos de idade e outra com 6 anos, a partir do qual discorremos sobre as especificidades da narrativa na constituição da criança como falante. Sendo assim, apresentamos, a seguir, as normas de transcrição do dado analisado.

Quadro 1 - Normas de transcrição dos dados

| **Fenômeno** | **Convenção** |
|---|---|
| Contextualização da situação | Situação |
| Identificação das falas e dos participantes | Linhas numeradas, nome do participante à esquerda, falas à direita |
| Pausas indicativas de fechamento de período e pausas em geral | Reticências |
| Entonação ascendente | Letras maiúsculas |
| Alongamentos vocálicos | Repetição da letra indicativa do fonema alongado |
| Exclamações e interrogações | Uso dos pontos característicos |
| Interrupção | Barra |
| Incompreensões | Entre parênteses (INCOMPREENSÍVEL) |
| Outras informações relevantes sobre o contexto | Inseridas pela expressão “comentário” e sua descrição |
| Movimentos corporais | Inseridos pela expressão “corpo” e sua descrição |

Fonte: Elaborado pela autora.

Estando expressas as normas de transcrição, convocamos o recorte enunciativo[3] com a narrativa dos irmãos Theodoro, com 3 anos de idade, e Sophia, com 6 anos, em uma situação naturalística de brincadeiras de faz de conta. Esclarecemos que o dado analisado faz parte do *corpus* do Projeto "A narrativa da criança no contexto da pandemia de Covid-19: deslocamentos no simbólico da linguagem"[4], coordenado pela Profa. Dra. Marlete Sandra Diedrich, da Universidade de Passo Fundo (UPF), e de cuja equipe de realização fazemos parte.

Quadro 2 - Recorte enunciativo

| | | |
|---|---|---|
| *Situação:* Theodoro, 3 anos e 4 meses, e Sophia, 6 anos e 10 meses, brincam que é a hora de almoçar. Sophia faz o papel de mãe e Theodoro, de seu filho. Sophia está cozinhando e servindo alimentos aos dinossauros com a ajuda de Theodoro. | | |
| 1. | Sophia | avise seus irmãos que o almoço já tá quase pronto |
| 2. | Comentário | Sophia vai até a cozinha da brincadeira, enquanto Theodoro avisa os dinossauros. |
| 3. | Theodoro | o almoço já tá quase pronto |
| 4. | Sophia | eu trouxe o seu prato |
| 5. | Corpo | Theodoro imita sons de mastigação. |
| 6. | Sophia | agora quem que vai comer as rodelas de carne cenoura e mais carne? |
| 7. | Theodoro | eles tão comendo tudo junto |
| 8. | Sophia | e você indoré … indoraptor vai comer esse ... ... porque está em fase de crescimento... trazer uma garrafa de água |
| 9. | Theodoro | e esse? amor... esse esse é o biscoito pra depois do almoço |
| 10. | Sophia | filhO! |
| 11. | Theodoro | o quê? |
| 12. | Sophia | olha eu vou fazer ali e você pode ir se preparando lá porque eu vou trazer o seu prato ... vou trazer para seus irmãos |
| 13. | Theodoro | vou sentar aqui … prato prato prato … pra mim almoçar também |
| 14. | Mãe | você vai almoçar também? |
| 15. | Theodoro | vOU almoçar também tá Sophia? |

[3] O termo "recorte enunciativo" diz respeito ao "espaço de discurso em que determinado tema é referido e co-referido na alocução" (SILVA, 2009, p. 219).
[4] Aprovação pelo comitê de ética da Universidade de Passo Fundo (UPF), segundo o parecer nº. 4.849.264.

| | | |
|---|---|---|
| 16. | Sophia | eu trouxe o prato do indoraptor também ... que é uma bananinha |
| 17. | Comentário | Cadeira sendo arrastada por Theodoro para colocar na mesa. |
| 18. | Sophia | agora eu vou trazer o prato pra VOcê meu filho |
| 19. | Corpo | Theodoro está subindo na cadeira para sentar. |
| 20. | Mãe | eu acho que você pega ... filho ... Theodoro ... eu acho que você pega o banquinho porque nessa cadeira você vai ficar muito alto ... vai cair |
| 21. | Theodoro | eu não vou ... não vou cair |
| 22. | Mãe | será? |
| 23. | Theodoro | Não |
| 24. | Sophia | eu vou pegar pra você |
| 25. | Corpo | Theodoro está sentado na cadeira, movimentando-se. |
| 26. | Theodoro | essa cadeira tá sem ... sem |
| 27. | Sophia | UM moranguinho |
| 28. | Corpo | Theodoro desce da cadeira e mostra o assento que sai do lugar. |
| 29. | Theodoro | eu não vou cair |
| 30. | Sophia | filho eu vou botar um moranguinho pra você comer |
| 31. | Theodoro | eu ... … Sophia |
| 32. | Sophia | ei você também precisa comer para crescer |
| 33. | Corpo | Sophia vai até o dinossauro que está na mesa. |
| 34. | Sophia | agora eu vou trazer copinhos |
| 35. | Theodoro | SOphia ... o MUsassaUro não pode COmer ... ele tem que tomar su-QUInho |
| 36. | Corpo | Theodoro sobe novamente na cadeira. |
| 37. | Sophia | agora eu vou botar aguinha |
| 38. | Comentário | Sophia faz de conta que coloca água nos copos, fazendo sons de água, e arruma um dinossauro na mesa. |
| 39. | Theodoro | o que o (INCOMPREENSÍVEL) vai fazer? |
| 40. | Comentário | O dinossauro que Sophia arrumou cai da mesa e Theodoro ri enquanto Sophia arruma ele novamente. |

| | | |
|---|---|---|
| 41. | Sophia | bebe água filho |
| 42. | Corpo | Sophia pega o dinossauro enquanto dá água para ele em um copo. |
| 43. | Sophia | bebe um pouquinho de água ... ... pronto |
| 44. | Theodoro | O FILHO TÁ COMENDO MAS NÃO TÁ Bebendo |
| 45. | Sophia | agora você |
| 46. | Corpo | Sophia dá água para o outro dinossauro. |
| 47. | Theodoro | ele SÓ tá COmendo mãe |
| 48. | Corpo | Sophia vai até o dinossauro sobre o qual Theodoro falou e dá água a ele. |
| 49. | Sophia | pode beber |
| 50. | Theodoro | Indominus bonitinho |
| 51. | Corpo | Theodoro faz carinho no dinossauro. |
| 52. | Theodoro | (INCOMPREENSÍVEL) bonitinho |
| 53. | Sophia | agora vocês ... ... ... agora você filho |
| 54. | Comentário | Sophia vai dar água para Theodoro, porém ele não quer que ela faça isso. |
| 55. | Theodoro | Eu SEi Tomar |
| 56. | Sophia | tá bom |
| 57. | Mãe | sabe tomar sozinho já? |
| 58. | Theodoro | já tomei ... ... ele já tomou? |
| 59. | Comentário | Enquanto Theodoro bebe água, Sophia alimenta os dinossauros. |
| 60. | Sophia | você já comeeeu tudo |

Fonte: Projeto "A narrativa da criança no contexto da pandemia Covid-19: deslocamentos no simbólico da linguagem".

Em nosso fazer analítico, lembramos que, de acordo com a perspectiva enunciativa benvenistiana:

> A presença do locutor em sua enunciação faz com que cada instância de discurso constitua um centro de referência interno. Esta situação vai se manifestar por um jogo de formas específicas cuja função é de colocar o locutor em relação constante e necessária com sua enunciação (BENVENISTE, 1989, p. 84).

Com isso, entendemos que *na* e *pela* narrativa é possível observar a criança enquanto falante de uma sociedade, constituindo seu lugar enunciativo a partir da mobilização dos índices específicos e dos procedimentos acessórios no quadro figurativo da enunciação.

Sabendo que *eu* só existe em relação a *tu*, a constituição da criança compreende, em primeiro lugar, o índice de pessoa que é constituído a cada enunciação, toda vez que a criança falante propõe-se como *eu*. Certamente, não se trata de enunciar o pronome *eu* para que isso se efetive, uma vez que muitas outras formas da língua desempenham esse papel. Porém, observamos, no recorte enunciativo, que Theodoro e Sophia marcam seu lugar enunciativo fazendo referências a partir de si, externalizando o índice *eu* ao produzirem, em conjunto, seu relato narrativo. Isso pode ser percebido nas narrativas de Sophia, nas linhas 4, 12, 16, 18, 24, 30, 34 e 37; e nas de Theodoro, nas linhas 21, 29, 31 e 55.

De acordo com a perspectiva enunciativa benvenistiana, "desde que ele [locutor] se declara locutor e assume a língua, ele implanta o outro diante de si, qualquer que seja o grau de presença que ele atribua a este outro" (BENVENISTE, 1989, p. 84). Essa concepção se concretiza no dado, na brincadeira de Theodoro e Sophia, pois as crianças imaginam que estão almoçando com os dinossauros, os quais são evocados como o outro da enunciação, compreendendo que "o que em geral caracteriza a enunciação é a acentuação da relação discursiva com o parceiro, seja este real ou imaginado, individual ou coletivo" (BENVENISTE, 1989, p. 87). A mobilização dos índices de pessoa demonstra as singularidades inscritas na enunciação, permitindo à criança estar na língua-discurso e narrar a partir de si, relacionando-se tanto com a outra criança com a qual divide a brincadeira como com os personagens imaginários retratados na narrativa pelos dinossauros, os quais, em muitas situações, são concebidos como o outro da enunciação pela criança. Essa constatação é observada, principalmente, nas manifestações de Sophia, a qual faz papel de mãe na brincadeira. Na linha 6, Sophia questiona quem irá comer as rodelas de cenoura e carne, emissão que é destinada a seus "filhos", o que inclui não só Theodoro, mas também os personagens imaginários — os dinossauros. Já nas linhas 8, 32, 41 e 43, Sophia fala diretamente com os dinossauros, orientando-os sobre o almoço.

A nossa segunda observação envolve os índices de ostensão — de espaço. Esses índices são numerosos e "implicam um gesto que designa o objeto ao mesmo tempo que é pronunciada a instância do termo" (BENVENISTE, 1989, p. 85). Em específico na narrativa das crianças

Theodoro e Sophia, ficam evidentes alguns índices de ostensão distintos: na linha 12, Sophia mobiliza o índice "ali" para indicar o lugar em que ela irá fazer o almoço; o mesmo ocorre com o índice "lá", referindo-se ao lugar ao qual Theodoro deveria ir. Essas ocorrências permitem que Sophia opere com referências no discurso na sua relação com o outro. Essa constituição de referências garante sequência à narrativa co-construída pelas crianças na brincadeira, pois o espaço referido por Sophia age diretamente na continuidade da narrativa de Theodoro. Na linha 13, Theodoro mobiliza o índice "aqui" para indicar o lugar onde sentará para almoçar. Nas linhas 9 e 26, a mobilização dos índices "esse" e "essa" também constituem novas referências espaciais, as quais se dão a partir dos deslocamentos físicos das crianças e que se manifestam no simbólico da narrativa, revestindo os fatos de uma atmosfera imaginária própria do mundo narrado pelas crianças e de suas brincadeiras de faz de conta.

De acordo com Benveniste (1989), as marcas de temporalidade — ou formas temporais —, que constituem o aparelho formal da enunciação, existem em apenas um tempo: o presente enunciativo, pois é sempre um novo *aqui* e *agora* que se estabelece na língua em ato. A narrativa como um modo enunciativo possibilita ao falante inserir seu acontecimento no presente, sempre em um novo *aqui* e *agora*. Assim, a criança *re*atualiza[5] e *re*ssignifica os acontecimentos reais ou imaginados, e constitui seu lugar enunciativo fazendo referências sempre no único tempo possível – o presente. Na análise do recorte enunciativo, percebemos Theodoro e Sophia utilizando formas temporais para deslocar os acontecimentos de suas narrativas no presente e no futuro — conforme evidenciado nas linhas 34, 37, 45, 53, 09, 12, 58 e 60 —, demonstrando que os deslocamentos temporais partem sempre do presente enunciativo.

No que tange aos procedimentos acessórios, consideramos que as designações, ou fatos de vocabulário, são procedimentos mobilizados pelo falante em sua relação como indivíduo de uma sociedade particular. Percebemos que Sophia e Theodoro mobilizam o diminutivo das palavras, o que fica explícito nas linhas 16, com "bananinha"; 27 e 30, com "moranguinho"; 34, com "copinhos"; 35, com "suquinho"; 37, com "aguinha"; 43, com "pouquinho"; e 50 e 52, com "bonitinho". Entendemos que o uso do diminutivo permite que o almoço em família da brincadeira seja *re*ssignificado levando em consideração o afeto entre mãe e filhos, personagens de Sophia, Theodoro e os dinossauros. Certamente, o uso do grau normal dos substantivos

[5] Justificamos o uso do prefixo *re*, pois, segundo Dessons (2006, p. 13 [tradução nossa]), "re- é de fato portador de dois valores: a iteração – « de novo » – e invenção – « de modo novo » [...]". Consideramos, portanto, que todo acontecimento é sempre um novo *aqui* e *agora*.

referidos não teria o mesmo efeito no relato.

Definimos, até este ponto, a constituição do lugar enunciativo, relação da criança com a língua. A partir disso, é possível olharmos para a constituição do seu lugar de dizer, desde o qual a criança ocupa seu lugar de fala na sociedade. No entanto, ressaltamos que temos plena consciência da simultaneidade da constituição desses lugares; estamos separando-os em dois grandes princípios de análise apenas para fins de descrição dos fatos. Sendo assim, na sequência, voltamos nossos olhares para a relação da criança como indivíduo na sociedade, o que se dá na ocupação de seu lugar de dizer.

É sabido que, em muitas culturas, os primeiros balbucios da criança já são reconhecidos pelo outro como um dizer. Portanto, o outro é quem permite que a criança constitua seu lugar de dizer na sociedade. Segundo Silva (2009), é a partir da convocação do outro que a criança assume seu lugar na enunciação e vivencia a passagem de quem é convocada pelo outro a quem convoca o outro ao dizer. Essa passagem é que permite à criança exercer a faculdade de simbolizar. No caso das narrativas, Diedrich (2020) afirma que a criança que ouve histórias logo passa a narrar suas próprias histórias, *re*ssignificando, via propriedade simbólica da linguagem, os acontecimentos vividos e imaginados: "Ao narrar experiências vividas ou imaginadas, a criança se apropria das formas da língua para simbolizar, por meio da linguagem, diferentes mundos, instanciando-os no aqui-agora da enunciação" (DIEDRICH, 2020, p. 27).

Na análise do recorte enunciativo, constatamos a relação com o outro, sendo que Theodoro e Sophia retratam um acontecimento social – o almoço em família. Em seus relatos construídos na brincadeira, *re*ssignificam o acontecimento com a inclusão de elementos advindos do seu imaginário – os dinossauros e o almoço de faz de conta. Além disso, a relação discursiva estabelecida entre os irmãos permite que eles assumam papéis sociais imaginados, atualizados na particularidade da brincadeira que se constitui na narrativa criada – Sophia é a mãe, Theodoro e os dinossauros são seus filhos. Isso evidencia a função social da linguagem e o modo como a língua categoriza o mundo a sua volta, sendo que:

> Quando a criança começa a utilizar a linguagem, o mundo que a rodeia já está nomeado, mas ela precisa recriá-lo para instituir-se como sujeito, mostrando com o seu dizer a sua posição de um sujeito num dado espaço e num dado tempo. Com a palavra, marca a presença de algo que está ausente, (re)constituindo, a cada ato enunciativo, referências para um mundo já construído (SILVA, 2009, p. 144).

Na aquisição da língua, portanto, a criança vive a experiência de constituir-se falante na relação não só com o sistema linguístico mobilizado no discurso, mas também na

relação com o outro e com a cultura da sociedade da qual faz parte. No recorte enunciativo observado, percebemos que a narrativa possibilita à criança experienciar o mundo a sua volta a partir da mobilização da língua em discurso, mobilizando, de forma singular, os recursos disponíveis no sistema linguístico e *re*ssignificando os acontecimentos vividos e imaginados para, com isso, constituir-se falante em uma sociedade que narra.

## *3 Conclusão*

No decorrer deste estudo, desenvolvemos um percurso teórico-metodológico em busca de contemplar nosso objetivo de investigar a constituição da criança falante via produção de narrativas. A reflexão foi construída na perspectiva aquisicional enunciativa, conforme proposta por Silva (2009). A narrativa da criança foi investigada enquanto modo enunciativo da prática humana da língua, construída na mobilização dos índices específicos e dos procedimentos acessórios, e na relação do falante com o outro. Ao elegermos os princípios *constituição do lugar enunciativo* e *constituição do lugar de dizer*, voltamo-nos para a narrativa dos irmãos Theodoro, com 3 anos de idade, e Sophia, com 6 anos. A análise nos permitiu chegar às seguintes afirmações:

a) *Na* e *pela* narrativa, a criança mobiliza a língua-sistema e converte-a em discurso. Nessa mobilização, os índices específicos e os procedimentos acessórios são recursos que lhe permitem constituir seu lugar enunciativo e fazer referências a partir de si;
b) Constituindo-se enquanto sujeito de sua enunciação, a criança constrói as narrativas a partir da mobilização do quadro figurativo da enunciação, com destaque para as relações de forma e sentido atualizadas entre *eu* (a criança) e *tu* (o outro, seja ele real ou imaginado);
c) A partir da constituição do lugar enunciativo da criança enquanto sujeito de sua enunciação, é possível que ela ocupe seu lugar de dizer na sociedade, o que se dá em sua relação com o *outro*;
d) A narrativa possibilita à criança constituir-se enquanto falante de uma sociedade que já é nomeada e organizada linguisticamente;
e) O lugar de dizer só é possível a partir do lugar enunciativo, pois a criança mobiliza a língua em discurso, na atualização das formas e sentidos da língua na enunciação.

Com isso, afirmamos que a narrativa, concebida com um modo enunciativo, permite

que a língua se manifeste enquanto prática humana: na relação da criança com a língua, constituindo seu lugar enunciativo, mas também da criança com a sociedade, constituindo seu lugar de dizer.

Por fim, faz-se necessário esclarecermos o que nossa reflexão aponta como específico da experiência de aquisição da língua pela criança em sua vivência com narrativas. Acerca dessa especificidade, encontramos as crianças narrando os acontecimentos a partir de um modo muito particular de construir mundos imaginários na relação com o outro, o que só é possível em função da propriedade simbólica da linguagem. Logo, entendemos que a criança, ao ocupar o lugar de quem narra, experiencia o poder de construção e *re*construção de mundos via língua-discurso, o que lhe permite operações cada vez mais complexas na linguagem.

## REFERÊNCIAS


BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. 5 ed. Campinas: Pontes, 1976.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral II*. 2 ed. Campinas: Pontes, 1989.

BOLDORI, Ana Carolina Boldori. *A constituição do falante na e pela narrativa:* na aurora da vida e na fase do envelhecimento. 2023. 72 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de Passo Fundo, Instituto de Humanidade, Ciências, Educação e Criatividade, Programa de Pós-Graduação em Letras, Passo Fundo, 2023.

DESSONS, Gérard. *Émile Benveniste, l'invention du discours*. Paris: Éditions in Press, 2006.

DIEDRICH, Marlete Sandra. A criança e suas narrativas: a experiência constituída nos ruidozinhos vocais. *In*: OLIVEIRA, Giovane Fernandes; ARESI, Fábio (Orgs.). *O universo benvenistiano*: enunciação, sociedade, semiologia. São Paulo: Pimenta Cultural, 2020. p. 204-220.

DIEDRICH, Marlete Sandra. *Narrativas de crianças na pandemia*: discursos que reinventam o mundo. 1 ed. São Carlos: Pedro e João Editores, 2022.

KNACK, Carolina. A língua como prática humana: desdobramentos das relações entre língua e sociedade. *Desenredo*, Passo Fundo, v. 14, n. 3, p. 394-403, 2018. Disponível em: http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/8583. Acesso em: 29 jul. 2023.

SILVA, Carmem Luci da Costa. *A criança na linguagem* – enunciação e aquisição. 1 ed. Campinas: Pontes Editores, 2009.

SILVA, Carmem Luci da Costa; DIEDRICH, Marlete Sandra. Das formas embrionárias às formas complexas do discurso: movimentos linguístico-enunciativos da criança na aquisição da língua materna. *Estudos da Língua(gem)*, Bahia, v. 20, n. 1, p. 115-140, 2022. Disponível em:

https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/12071. Acesso em: 12 ago. 2023.

Artigo submetido em: 24 ago. 2023

Aceito para publicação em: 10 out. 2023

DOI: https://dx.doi.org/10.22456/2238-8915.135078